

**A Palavra Zapatista: uma revolução mediática como estratégia
de comunicação e emancipação social**

Felipe Machado de Moraes

2006

1. Introdução

O trabalho que ora se apresenta propõe desenvolver um estudo afim de analisar as estratégias de comunicação, organização social de resistência e defesa de identidade num espaço marcado pela violência que proporcionou o surgimento do pensamento e da militância de um dos novos movimentos sociais transnacionais mais revolucionários e mediáticos da recente história latino-americana, o Movimento Zapatista de Libertação Nacional, surgido no Estado de Chiapas - México.

Durante o despertar do dia 1º de Janeiro de 1994, um grito de “Já basta” ecoava no sudeste mexicano, apresentando ao mundo a realidade de opressão indígena, pobreza e desigualdade social provocada pelo modelo neoliberal de globalização hegemónica. Indígenas de variadas etnias,¹ homens e mulheres com o rosto coberto, desciam das montanhas da Selva Lacandon e ocupavam, de armas em punho, o controle de sete importantes municípios² do estado de Chiapas para exigir o respeito por suas identidades, defesa de direitos humanos e resgatar a dignidade de suas culturas humilhadas, excluídas e massacradas durante séculos de exploração implacável. No mesmo dia em que começava a vigorar o NAFTA (Acordo de Livre Comércio entre México e Estados Unidos), grupos de indígenas e camponeses organizados em comunidades de Chiapas, anunciavam, através de seu porta-voz, o subcomandante Marcos,³ os motivos de uma luta por democracia, liberdade e justiça para todos os mexicanos e de respeito a todas as culturas. Segundo os cálculos oficiais da imprensa local, entre sete e dez mil guerrilheiros indígenas auto denominavam-se como o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), uma notória referência a Emiliano Zapata,⁴ herói nacional e um dos líderes da revolução mexicana de 1910. As principais exigências do EZLN, diante de uma situação de extrema pobreza indígena, reflectem e justificam a luta pelo cumprimento de direitos humanos fundamentais como: alimentação, saúde, terra, trabalho, teto, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. Reivindicações

elementares, exigências mínimas para a construção de uma vida digna, mas que implicam uma análise frente a uma total inflexão de poder no México, assim como em tantos países latino-americanos e do mundo que convivem com a actual realidade de crescente exclusão social provocada pelos ideais neoliberais. Durante este mesmo dia, o governo mexicano responde com uma forte militarização na região do estado de Chiapas, promovendo prisões, execuções arbitrárias de muitos zapatistas e até mesmo bombardeando algumas comunidades (aldeias) indígenas. O confronto entre o exército do governo federal mexicano e o exército indígena zapatista estendeu-se durante as duas primeiras semanas daquele mesmo mês, quando a sociedade civil mexicana e militantes internacionais de direitos humanos entram em cena em defesa dos zapatistas, indígenas chiapanecos. Respondendo aos apelos que chegam do mundo inteiro e de toda república mexicana, milhares de pessoas realizam uma manifestação de protesto pela defesa dos Direitos Indígenas na Cidade do México para exigir que o governo suspenda de imediato a acção militar contra os zapatistas, combata a degradante condição social de miséria acentuada pela globalização e busque uma saída política para o conflito em Chiapas.

Face as mazelas provocadas pelo sistema económico global e tomando como exemplo as causas do surgimento e da indignação indígena, percebe-se, nas divulgações anuais dos dados oficiais de defesa dos direitos humanos referente aos últimos anos do século XX e os primeiros anos do século XXI, a evidência de que as perspectivas do mundo no campo social são actualmente sombrias. Vastos sectores da população estão afectados por carências múltiplas. As sociedades não conseguem dar aos seus integrantes garantias de direitos, considerados hoje mundialmente, como direitos humanos elementares. Segundo Hannah Arendt:

Globalização, políticas neoliberais, segurança global, estas são realidades que estão acentuando a exclusão, em suas diferentes formas e manifestações. No entanto, não afectam igualmente a todos os grupos sociais e culturais, nem a todos os países e,

dentro de cada país, às diferentes regiões e pessoas. São os considerados “diferentes”, aqueles que por suas características sociais e/ou étnicas, por serem “portadores de necessidades especiais”, por não se adequarem a uma sociedade cada vez mais marcada pela competitividade e pela lógica do mercado, os “perdedores”, os “descartáveis”, que vêm cada dia negado o seu “direito a ter direitos (Arendt, 1981).

Para combater essa lógica globalizante que vende miséria, compra guerra e exclui o diferente, emerge o clamor e a luta pela causa zapatista, um movimento de defesa do reconhecimento das diferenças culturais e pelo direito das minorias.

As análises do pensamento e da proposta do movimento zapatista para enfrentar a pobreza, a violência e opressão militar, assume uma postura de negação dos princípios hegemônicos e competitivos da actual globalização, sendo este, um sistema de pensamento económico convencional que produz grandes riscos a convivência entre os diferentes povos, provocando a insustentabilidade ecológica de longo prazo e plantando a desesperança para os caminhos da cooperação social e da paz. Dessa forma, o estudo aqui apresentado, tem como um dos objectivos específicos, analisar como o movimento zapatista apresenta suas estratégias de alternativa à hegemonia do sistema globalizado, construindo conceitos novos de comunicação local - global frente a diversidade cultural do mundo.

Realizar estudos sobre o pensamento e as políticas zapatista, é aceitar a necessidade de uma metodologia de análise que extrapole os âmbitos locais, e que, segundo o pensamento do economista Celso Furtado, tais características tendem a “balizar por referências maiores: fazendo crescer o despertar do compromisso ético com valores universais que transcendem todas as forma de paroquianismo e confiança na liderança de forças sociais cujos interesses se confundem com os da colectividade nacional e regional” (Furtado, 2000: 11).

Devido a eficiência das estratégias de comunicação adoptadas pelo movimento zapatista e diante da conseqüente intolerância e violência contra indígenas que vivem há séculos na mais grave indigência e total negação dos direitos na América Latina, justifica-se, ainda, no presente intróito, que um dos motivos de grande importância para a escolha do tema e interesse pelo engajamento nesta pesquisa, foi a oportunidade de presenciar *in loco* o crescimento ideológico de uma cultura solidária e o fortalecimento político e social não só regional como internacional do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Na condição de Observador Internacional, através da ONG JOCOPAZ⁵ e com o objectivo de realizar projetos de combate a pobreza, foi possível permanecer no estado de Chiapas, próximo à zona de conflitos e municípios autónomos administrados pelos zapatistas durante os meses de Dezembro de 1999 e Maio de 2000. A experiência de observação de campo em alguns municípios de Chiapas promoveu um convívio direto junto à pobreza e a realidade de conflito armado que incentivou cada vez mais a reflexão ao presenciar os vários testemunhos de uma vida às margens da sociedade, com a liberdade controlada pela presença militar constante, onde os direitos humanos e a democracia são minados pelo preconceito, a discriminação e a irracionalidade humana de um Estado opressor. Por esse motivo, fica mais fácil entender a urgência em atender as necessidades de uma proposta contra hegemónica de globalização através de movimentos sociais que possam exigir a real protecção aos direitos humanos e liberdade de expressão, já que a condição actual de universalidade de tais direitos, até os dias actuais não chegam às regiões fortemente militarizadas e de extrema pobreza indígena. Dessa forma, o actual estudo vem cumprir com o que é pedido a todos os voluntários internacionalistas que actuam ou já actuaram em Chiapas. Militantes em movimentos sociais de todas as partes do mundo, que tiveram a oportunidade de conhecer e conviver de perto com a realidade no sudeste do México, são convidados a ver, ouvir e contar o que sentiram, viveram e provaram dos

ideais e da realidade zapatista para que assim possam melhor entender os motivos de seu grito por democracia, liberdade e justiça.

Para melhor “contar” a realidade zapatista através das estratégias de comunicação, é necessário assumir um comportamento de luta pelo reconhecimento das diferenças, o que supõe ser uma das características da diversidade cultural de muitos dos movimentos sociais transnacionais na fase inicial do século XXI. A descentralização crítica e cultural, em países da América Latina, expressa-se na emergência de novas formas de identificação colectiva - negros, mulheres, povos indígenas, ecologia, pacifismo, juventude, movimentos religiosos - e novas formas de pensamento, que puseram em questão o “etnocentrismo” (Rocha, 1999: 7-22) e o carácter de pobreza excludente promovida pela ordem hegemónica capitalista e económica global. A insatisfação social nos países latino-americanos e a emergência do reconhecimento destas formas sociais de descentralização incluíam ainda a resistência contra a associação da modernização capitalista com regimes autoritários e tecnocráticos baseados em alianças civil-militares.

Na tentativa de produzir um estudo com análise de perspectiva pós-colonial e satisfatória metodologia de investigação, fica notório a dedicação por uma pesquisa que concentre uma vasta e seleccionada bibliografia, onde o trabalho a ser realizado possa estimular estudantes e intelectuais ao engajamento em pesquisas sociais de contribuição académica e de práticas militantes, no intuito de abraçar propostas criativas como vem sendo apresentada as estratégias zapatista e como propõe o esforço por reinventar a emancipação social.

Para melhor compreender a trajectória que projectou o movimento zapatista do conflito armado para construir uma estratégia, até então, inovadora de uma militância mediática, faz-se necessário analisar “a Palavra Zapatista” como sua principal arma em defesa da protecção dos direitos e cultura indígena através da consolidação de ideias e articulações em rede. Dessa forma, os indígenas militantes

do movimento zapatistas, vestem-se de verdade e começam a construir espaços democráticos, aproximando as diferenças culturais através da comunicação em todo o mundo. Buscar melhor entender as palavras andantes dos zapatistas na chamada era da *cibermilitância*, dos novos movimentos sociais transnacionais que se fortalecem e conquistam espaços virtuais, será o argumento central do presente trabalho que pesquisará o espaço de contrastes económicos da realidade social e política de Chiapas e as influências de sua estratégia de comunicação que interactivam com outros movimentos sociais em todo mundo.

Na primeira parte do trabalho, pretende-se analisar o surgimento de um movimento, que de maneira incendiária fez nascer a luta pela dignidade e o respeito pelas identidades. O “Fogo do Movimento Indígena” para fazer referência a formação de um exército, o EZLN. Uma erupção indígena que exige direitos e reconhecimento social e cultural. A larva ardente de um movimento social que desce das montanhas chiapanecas e através de seus representantes, revela demandas para resgatar o respeito e cidadania, combatendo as estratégias de mercado, que despreza e exclui oferecendo cada vez mais discriminação, preconceitos e extremas formas “epistemicídio”⁶ que oculta outros tipos de conhecimentos, no caso, conhecimentos acumulados pelos povos indígenas no México como em diversos cantos do mundo. A problematização do espaços e da realidade social e política de Chiapas que serviu de estopim para a formação de um exército insurgente contra a frieza humana da globalização, o combate a violência pela força moral e os meios para resgatar a paz nas relações sociais, será alguns dos aspectos abordados nesta primeira parte.

A segunda parte, para melhor compreender a trajetória que projectou o movimento zapatista do conflito armado para construir uma estratégia, até então, inovadora de uma militância midiática, faz-se necessário analisar “a Palavra Zapatista” como sua principal arma em defesa da proteção dos direitos indígenas através da consolidação de idéias e articulações em rede. Dessa forma, os indígenas

organizados pelo movimento zapatistas começam a construir espaços democráticos, aproximando as diferenças culturais através da comunicação em todo o mundo. Buscar melhor entender as palavras andantes dos zapatistas na chamada era da *cybermilitância*, dos movimentos sociais que se fortalecem e conquistam espaços virtuais, será a proposta de análise desta segunda parte.

Doze anos após o surgimento do movimento indígena de Chiapas, sudeste mexicano, ainda hoje, os zapatistas surpreendem como exemplo de movimento social transnacional, por sua envergadura política e consistência ao exigir a garantia de acesso à informação e o direito de livre expressão, o que implica uma participação de igualdade frente o diálogo multicultural e de combate à pobreza junto às comunidades e as culturas indígenas.

Estudar as políticas alternativas de comunicação através dos movimentos sociais transnacionais, como é o caso do movimento zapatista, é propor uma análise contra hegemônica de globalização que não se restringe apenas ao sudeste mexicano ou à realidade de muitos países latino-americanos. A proposta central a ser testada é de tentar entender, tomando como modelo o EZLN, a construção de caminhos alternativos de globalização, onde o respeito pelos direitos humanos e estratégias de comunicação numa sociedade multicultural torna-se peça chave para unificar muitos movimentos sociais para fortalecer o direito de não ter que precisar pedir a permissão de ninguém para ser livre. Dessa forma, alimentados pela esperança e no desejo de construir um outro mundo possível, analisando as alternativas para o sonho de uma sociedade democrática, plural, mais humana, que possibilite o reconhecimento junto as diferentes identidades culturais e que seja engajada em compreender o distante, respeitar o diferente e onde a informação não seja uma arma através da comunicação, é o desafio lançado pela presente pesquisa e que poderá ser melhor analisada nas páginas seguintes deste trabalho.

2. O Fogo Indígena: a Formação do Exército Zapatista de Libertação Nacional, de Chiapas para o Mundo

O medo do ridículo ou a amargura da história impede a maioria de nós de associarmos revolução e felicidade ou revolução e prazer.

Foucault (2001)

Os motivos para o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional, no México, assim como outros movimentos sociais transnacionais, militantes estudantis ou qualquer outro movimento activista que venha representar um grupo ou uma relação de classe que não se identifica com uma proposta capitalista, sob sua forma neoliberal, assume uma postura de indignação, de confrontação e recusa desse modelo de sociedade global excludente, desumanizante para mundo atual. A coisificação do indivíduo, a valorização da sociedade de consumo, da quantificação, da monetarização universal, sugere o que o velho Marx chamava, outrora, da época onde todos os sentimentos humanos são afogados pelas “águas geladas dos cálculos egoístas”. Contra as águas geladas e a falta de sentimentos humanos, essa primeira parte apresentará o “Fogo Indígena” do movimento zapatista e o desejo contra hegemónico de globalização que se alastrou de Chiapas para o mundo, a resistência e a formação de um exército insurgente que luta pelo por espaços realmente democráticos.

As origens do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)

As informações sobre as origens do Exército Zapatista de Libertação Nacional e a formação para o surgimento do movimento zapatista que se conhece atualmente são recheadas de lendas e quase sempre pouco oficiais. A partir de uma investigação junto às muitas consultas bibliográficas e visitas a muitos *sites*, depoimentos de militantes de direitos humanos e estudiosos dos movimentos sociais latino-

americanos, sabe-se que a construção do movimento zapatistas, inspirados na luta e nos ideais de Emiliano Zapata, não nasce apenas nas selvas de Chiapas e nem no 1º de Janeiro de 1994, dia em que os zapatistas deu a conhecer o mundo sua existência e os motivos de sua luta.

A formação do movimento zapatista e sua força pelo respeito das diferenças, defesa pelos direitos das minorias e consolidação de um movimento social sólido, tem marcado na sua origem, a total condição de rebeldia e insatisfação de um grupo de intelectuais urbanos que se indignaram contra o desprezo social e com a situação política mexicana, promovendo a convicção e o desejo de resgatar questões esquecidas, mal resolvidas e ainda pendentes desde a época da Revolução Mexicana de 1910 e sua luta pela defesa dos direitos indígenas.

Sabe-se, através dos principais relatos bibliográficos e históricos, que o nascimento da formação do EZLN está vinculado a um momento de efervescência revolucionária que marcou os últimos anos da década de 60, no México e em muitos países do mundo. Diante de uma época de grande controlo da liberdade humana, o ano de 1968 foi marcado por muitas passeatas de protesto e mobilizações de estudantes que clamavam por democracia e liberdade. No dia 02 de Outubro de 1968, a violência, a força militar e a repressão policial atingiram o seu ponto mais alto, onde, na tentativa de por fim a estas manifestações, provoca um saldo de aproximadamente 500 mortos, no massacre de *Tlatelolco* - Praça das Três Culturas - na Cidade do México. Tal episódio, diante do assassinato de centenas de pessoas, em sua maioria estudantes, que participavam de uma manifestação pacífica, cria uma espécie de divisor de águas no interior da esquerda e dos setores progressistas, que ainda hoje, marca a vida política e social do México.

Depois da tragédia e da derrota deste dia, sob o peso de continuidade de um alto grau de violência e opressão, muitos dos líderes estudantis do movimento de 68 percorreram vários caminhos: alguns se integram ao sistema temendo novos

massacres, outros tentaram organizar novos movimentos sociais urbanos, uma parte fundou novos partidos de esquerda, outros organizaram movimentos camponeses ou se integra à guerrilha urbana. O que realmente se fazia necessário durante essa época, era o surgimento de uma alternativa, uma opção por continuar resistindo e lutando por uma democracia na qual o povo trabalhador pudesse tomar as decisões por si mesmo, combatendo um sistema político intolerante, repressivo, autoritário e excludente de um estado mexicano governado pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI).⁷ Dessa forma, pequenos grupos que iniciam um processo de acumulação de forças bem diferente do que é trilhado pelos demais.

Passada a tragédia de *Tlatelolco*, as origens na formação do movimento zapatista através das decisões dos derrotados e oprimidos líderes urbanos das manifestações de 68, passam a adotar um perfil de resistência mais amplo e integrador de luta contra a violência do governo. Conforme descreve os relatos a partir de um estudo intitulado *EZLN: passos de uma rebeldia*, afirmam que:

Desde o início de 1969, estabelecem que sua luta não visa uma ação rápida que busca tomar o poder, mas sim *agir de acordo com as pretensões do povo, sem se importar com o quanto isso demore*.⁸ Esta opção coloca em segundo plano a preocupação de amontoar grandes quantidades de armas e prioriza a formação de pessoas capazes de levar adiante a luta caminhando passo a passo com a sociedade civil (Gennari, 2004).

No final de 1969, é consolidado um ideal de esperança contra toda a situação de violência e aprisionamento da liberdade mexicana com a fundação da FLN (Frente de Libertação Nacional), que anos mais tarde possibilitaria o surgimento do EZLN. A escolha por almejar reais condições para uma revolução verdadeira, atendendo as necessidades sociais do povo, aproximou a fase inicial de composição da formação do Exército Zapatista com uma forte influência

*guevarista*⁹ junto aos seus primeiros integrantes, intelectuais urbanos. No entanto, tal influência, de formação de uma guerrilha ao perfil *guevariano*, fracassou devido a forte repressão do exército do governo em 1974. Tudo isso contribuía ainda mais para o surgimento e a formação de um movimento social com novas propostas e amadurecidas idéias políticas entre seus militantes.

A partir de meados dos os anos 70, começam a migrar para o sudeste mexicano - Estado de Chiapas - parte dos militantes de 68. Em consequência das derrotas, sofrimento, erros do passado, desencontros, crises teóricas e estratégicas, os militantes elaboram um programa de luta pelo direito a terra, trabalho, educação, saúde, melhores condições de vida, no qual seria possível criar organizações de massa entre os indígenas chiapanecos.

A formação do EZLN, da maneira que se revela ao mundo em 1º de Janeiro de 1994, começa a se organizar a partir de Novembro de 1983 onde um importante grupo de militantes chega até Chiapas: “Este destacamento tem o objetivo de aprender a viver no ambiente hostil da montanha que, de inimigo, poderia se transformar em poderosa arma de defesa contra o exército mexicano” (Gennari, 2004). A busca por uma condição imediata de sobrevivência nas selvas de Chiapas proporcionou o intercâmbio de experiências e integração entre as comunidades indígenas e o pequeno grupo de guerrilheiros urbanos (formados por militantes marxistas), tal fusão, deu início, em 1984, ao nascimento de um exército popular, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, o início de um movimento.

O relacionamento entre os guerrilheiros urbanos com os indígenas e camponeses de Chiapas engendrou a formação por uma luta integrada com perspectivas novas, o que proporcionou a formação de um movimento mais eclético e mais heterodoxo. Nesta fase, o destacamento guerrilheiro presente no

interior dos movimentos indígenas, estabeleceu muitos acordos como, e pelo qual, tais militantes, treinariam os jovens dos povoados tornando-os aptos a defenderem seus locais de origem das ações dos jagunços e, em troca, estes ajudariam a garantir os suprimentos necessários para a vida na selva.

Não recorrendo às práticas criminosas e totalmente fechados para qualquer tipo de ajuda vinda de outros países, os primeiros anos de mescla de experiências entre militantes urbanos e comunidades indígenas são marcados pelas dificuldades naturais que a selva oferece, pela crescente pobreza e carência de recursos das comunidades de Chiapas.

No desejo de lograr o bom entendimento, em meio a diversidade cultural entre muitas comunidades indígenas presente em Chiapas, nasce dentro da estrutura inicial do EZLN a necessidade de aprender a ouvir os indígenas, viver e conviver com eles, conhecer suas necessidades, dialogar com as idéias e os valores de sua cultura milenar, perceber e respeitar a sua maneira de organizar as comunidades como condição sem a qual seria impossível cooperar e construir novas organizações e politizar as que já existem. Pouco a pouco, a participação, a importância pelo cuidado indígena e principalmente o respeito por suas culturas, tomam lugar de destaque e tornam-se maioria na formação do movimento zapatista.

As comunidades indígenas de Chiapas se transformam, se organizam e somam forças para combater o desprezo, a violência e a destruição de terra pelos fazendeiros da região e pelas ordens de um governo federal que ignora as condições indígenas e a crescente pobreza dos povos de Chiapas. O exército zapatista, em contacto com as comunidades também passa por um grande processo de mudança. Esta convivência, abre condições para que seja possível avaliar as formas de participação política existentes nas comunidades indígenas e

revela a percepção de um mecanismo de poder que controla a liberdade pelos quais a elite estimula o clientelismo, a submissão dos indígenas chiapanecos e institucionaliza a violência a serviço dos grandes fazendeiros, agravando a violência e a desigualdade social da região. O amadurecimento político no interior destas comunidades abraçado pela vontade de lutar por democracia, liberdade e justiça do movimento zapatista proporciona a formação de novas lideranças e possibilita que as pessoas aprendam a tomar decisões não apenas imediatas e isoladas, mas que construam projetos comunitários que possam ser levados a cabo a construção de uma vida social melhor no futuro.

A luta por mudança nas condições de vida das comunidades indígenas, somado pela presença, apoio e luta do exército zapatista em formação, permite que os avanços nas demais comunidades da região aconteçam de maneira lenta, porém com solidez. Aspectos políticos, a forte pressão militar e o alto teor de violência contra os indígenas na região do sudeste mexicano fazem com que as decisões dentro do movimento zapatista comecem a mudar no final de 1988. Três acontecimentos foram marcantes para uma mudança e reflexões estratégicas de como o exército zapatista e as comunidades indígenas poderiam melhor suportar esta situação de total negação de seus direitos.

O primeiro acontecimento diz respeito às descaradas fraudes nas eleições para a Presidência da República de 1988, nas quais Carlos Salinas de Gortari, do Partido Revolucionário Institucional (PRI), é declarado vencedor. Dentro dos ambientes indígenas mais politizados, a derrota do candidato Cuauhtémoc Cárdenas, do Partido da Revolução Democrática (PRD), é recebida como notoriamente injusta, o que agrava as reais possibilidades de uma transição pacífica para um governo no qual a democracia viesse a se tornar um caminho possível no México.

O segundo acontecimento foi decorrente da violenta queda dos preços internacionais do café, que afecta gravemente as condições sociais, provocando uma rápida deterioração das condições de vida de milhares de camponeses, como: a ocorrência de epidemias que, em poucas semanas, matam centenas de crianças das comunidades indígenas e aumenta os ataques dos jagunços - paramilitares - que castigam as regiões norte e selva de Chiapas com uma verdadeira onda de violência e assassinatos.

O terceiro, e mais grave acontecimento, o que provocou a decisão de se lançar em rebeldia frente a um governo que mata, exclui, oprime e mente, foi a reforma realizada em 1992 que o, até então, Presidente Carlos Salinas proclamou fazendo referência ao artigo 27 da Constituição mexicana graças à qual as terras dos *ejidos*¹⁰ passam a ser tratadas como uma mercadoria qualquer. Esse acontecimento, sem dúvida foi o estopim para a indignação indígena coordenada pelo exército zapatista. A permissão para que os *ejidos* pudessem ser expropriados pelo Estado e vendidos à iniciativa privada, inclusive para empresas estrangeiras ou aos grandes latifundiários, foi notoriamente uma manobra para agradar aos investidores internacionais, pois uma das condições para entrar no NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte), era que o artigo 27 da Constituição Mexicana fosse alterado. Essa atitude por parte do governo mexicano só veio a legalizar a invasão definitiva das madeiras e assinar a sentença de morte das comunidades indígenas e camponesas de Chiapas.

Em virtude de tais acontecimentos, contra esse abuso frente aos direitos indígenas em suas terras, é decidido que é chegada a hora de lutar. Tais acontecimentos fortalecem a decisão de lutar contra os abusos e as injustiças. Para os indígenas organizados pelo exército zapatistas é feita a escolha por um processo de radicalização que se acelera no interior dos povoados onde, não resta

outro caminho a não ser o do levante armado de confronto com as forças do exército federal, combatendo o alto grau de militarização e pela liberdade dos povos indígenas.¹¹ Do debate interno com os representantes das comunidades e líderes zapatistas sai a decisão de consultar a todos os que pertencem as comunidades indígenas de Chiapas. Pela primeira vez, é dada às populações indígenas o direito de se manifestar para tomar decisões em benefício do futuro de suas comunidades. O resultado de tal consulta revelou a escolha pela a guerra e pelo reconhecimento de uma cultura que lhe é negado o direito a vida. Centenas de comunidades indígenas que se cansaram de morrer em detrimento da miséria, total negação do direito a saúde, alimentação, habitação, educação não encontram outra escolha. Os Zapatistas e seu exército popular se lançam em rebeldia para resgatar a ordem de uma vida melhor através de um levante indígena armado exigindo dignidade, liberdade e justiça.

Após as consultas, em dezembro de 1992 fica estabelecido que as comunidades indígenas devem lutar, resgatar e assumir o controle de toda a organização político-militar. Em janeiro de 1993, os representantes das etnias indígenas e das áreas nas quais se desenvolve o trabalho de organização assumem oficialmente a direção do movimento zapatista e, com ela, nasce o Comité Clandestino Revolucionário Indígena, o Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional (CCRI-CG EZLN) que tem um perfil muito mais político. O seguinte passo seria de preparação anunciar uma guerra pelos direitos indígenas, que desde o início, era vista como longa, desgastante porém, urgente para a sobrevivência e respeito de suas culturas excluídas pelo processo de globalização.

A preparação militar de um exército popular determinado a lutar pelos direitos indígenas, marcou esse primeiro momento da história do movimento zapatista. Seu preparo exigiu aquisição de armas que eram conseguidas através

da venda de gado, porcos, das safras de café, milho, da troca de outros produtos agrícolas e até mesmo de acesso aos fortes armamentos do exército mexicano¹² e de outros países da América Central.

A miséria das populações indígenas, os planos de reforma agrária dos últimos governos, que passam pelo fim da política dos preços garantidos aos produtores, a existência de milhares de refugiados centro-americanos usados como mão-de-obra barata pelos latifundiários da região e a influência da entrada em vigor da NAFTA somam condições para as causas da revolução zapatista.

As primeiras incursões do EZLN, a evolução e o conhecimento do exército indígena para desenvolver uma preparação política, militar e de resgate moral da dignidade das minorias diante de uma proposta de mundo globalizado, somente aparece para o mundo na simbólica data de 1º Janeiro de 1994.

Nas primeiras horas do primeiro dia de 1994, enquanto o neoliberalismo comemorava o aprofundamento da pobreza, aumento da exclusão e reafirmava o reinado absoluto do sistema capitalista como único modelo capaz de organizar a sociedade, desde as selvas de Chiapas o grito zapatista exigiam a construção de um outro caminho que não o caminho da exclusão e pobreza ofertado pela globalização. Enfrentando a descrença de todos os pretensiosos movimentos rebeldes envolvidos na história da luta armada na América Latina, seria difícil, as portas do século XXI, apostar no sucesso de mais um movimento insurgente saído das selvas ou do campo. Segundo as análises da jornalista canadense, Naomi Klein:

Quando os zapatistas pegaram em armas e disseram “*Ya Basta!*” em 1994, foi uma revolta contra a sua invisibilidade. Como tantos outros que ficaram para trás no processo de globalização, os indígenas Maias de Chiapas foram excluídos do mapa econômico: “Abaixo das cidades”, declarou o comando do EZLN, “*nós não existimos.*”

Nossa vida vale menos que as máquinas ou animais. Somos com as pedras, como ervas daninhas na estrada. Somos silenciados. Não temos rosto” (Klein, 2003: 275).

Nascia uma guerra para, antes de mais nada, conquistar um lugar no mundo, de firmar a condição de ter uma identidade, por respeito às diferenças, de resgate de valores humanos e para dizer: estas são as reais condições de vida e sofrimento dos indígenas mexicanos, espelho de todos os tipos de minorias no mundo atual. Porém o grito zapatista pela construção de novos caminhos, alheios aos trilhados pela globalização, foi recebido a bala, por uma brutal violência nas terras indígenas da região. O confronto entre as forças armadas mexicanas (exército do governo mexicano) e a resistência zapatista durou 12 dias, deixando um rastro de destruição e mortes em ambos os lados. A inferioridade do exército zapatista diante as forças do exercito mexicano era grande. Infinitamente mais indígenas morreram em combate e os números reais das mortes e prisões seguido de tortura nunca foram esclarecidas pelo governo mexicano. No entanto, segundo descreve Naomi Klein:

Quando a insurreição começou, o exército do governo mexicano estava convencido de que seria capaz de esmagar o levante zapatista como um insecto. Usaram artilharia pesada, ataques aéreos, mobilizaram milhares de soldados. Mas em vez de um insecto esmagado, o governo se viu cercado por um enxame de militantes internacionais, principalmente de defensores dos direitos humanos, zunindo em torno de Chiapas (*ibid.:* 282).

A resposta e a compreensão, devido a todas as condições para o levantamento armado do EZLN e fortalecimento de um movimento social, comparado a outros movimentos sociais de guerrilha da passada história latino-

americana, encontra peculiaridade pois, sua acção se baseou essencialmente na mobilização das bases de apoio para o reconhecimento de sua cultura e os motivos de sua luta, pela sociedade civil mexicana e internacional. De modo que, através da estratégia do exército zapatista, todos os povos, mexicanos ou não, são convidados a conhecer a realidade de destruição social em Chiapas, o que reflecte a intolerância de um sistema económico desumano, empobrecendo as relações sociais e afastando total condição para os direitos humanos.

O EZLN continua sendo denominado uma organização político-militar, embora a política possua uma importância bem maior que a militar. Um notório exemplo dessa organização é que os militares zapatistas não fazem parte da sua direcção, logo, os líderes zapatistas actuam politicamente através do CCRI-CG EZLN. Por intermédio do Comité Clandestino Revolucionário Indígena, Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional é que se projecta a esperança de uma mediação junto aos conflitos em Chiapas e de luta pelos direitos indígenas. Com o crescimento, amadurecimento e projecção de apoio de muitas instituições de defesa dos direitos humanos e ONG's mexicanas e principalmente internacionais, o EZLN passou a desenvolver uma conceituada equipe de assessores para as negociações do qual fazem parte muitos especialistas nas áreas agrárias, política, económicas, de saúde, sociais, especialistas universitários, dirigentes políticos e populares, líderes indígenas e muitos intelectuais mexicanos e de outros países. Personalidades como o escritor português José Saramago, o activista francês José Bové, o bispo de *San Cristóbal de las Casas*, D. Samuel Ruiz e por outros intelectuais apoiam o movimento zapatista. Dessa forma, os zapatistas convocaram uma mobilização para reivindicar o reconhecimento dos direitos dos primeiros habitantes destas terras e para exigir que se parasse totalmente a guerra de extermínio dos indígenas que

vem sendo ofertada a anos pelo governo mexicano a fim de cumprir com as obrigações do sistema global.

A Realidade Social e Política de CHIAPAS: uma região de contrastes

Antes de analisarmos as estratégias de comunicação do movimento zapatista, vale mencionar os espaços e a realidade social e política de Chiapas e dessa forma, melhor conhecer a região onde se desenvolve e surge o movimento Zapatista e as causas da indagação pela falta de condições de desenvolvimento de uma vida social. É importante situar que Chiapas é o estado mais pobre de toda a República Mexicana, um das regiões latino-americanas de mais alta exclusão social, porém detentor de grandes riquezas naturais e culturais.

Através de um breve resgate histórico, que o sudeste do México, em especial o estado de Chiapas é uma região que após a colonização espanhola, foi permeada por inúmeras rebeliões indígenas e camponesas. A cultura Maia, que tanto produziu avanço para as civilizações centro-americanas, habitavam e ainda habitam as regiões incluídas entre o sudeste mexicano e a Guatemala, exactamente onde se encontra o estado de Chiapas. Os Maias foram os povos que mais resistiram à acção dos conquistadores. A defesa dos próprios direitos, da cultura, língua, religião, enfim, da vida da própria comunidade semeou ao longo dos séculos muitas lutas pela posse da terra e contra a miséria à qual vem sendo condenados tanto os indígenas como os pobres camponeses no estado de Chiapas.

Chiapas é uma região caracterizada por possuir uma população maciçamente formada por indígenas e camponeses de predominância agrária e, conseqüentemente, de alta fragilidade frente às flutuações do mercado internacional. Tais condições frente a tanta miséria provocam grandes contradições e contrastes com o qual pode-se perceber na análise dos dados abaixo:

O território de Chiapas hospeda cerca de 82% de toda planta petroquímica do México e suas hidroelétricas produzem 20% da energia que o país precisa. Ainda assim, somente um terço das casas chiapanecas tem luz elétrica e a grande maioria das demais não possui sequer um lâmpião a gás.

Considerado o maior produtor nacional de milho, Chiapas detém também 35% da produção mexicana de café. De suas florestas saem madeiras nobres e preciosas fontes de matérias-primas para as indústrias de biotecnologia, ao mesmo tempo em que as fazendas ostentam cerca de três milhões de cabeças de gado. Apesar de toda esta riqueza, 54 em cada 100 moradores são considerados estão desnutridos, e, nas regiões de montanha e selva, este mal ameaça a vida de 80% da população. Todo esse ambiente de miséria que convive com a maior parte das famílias indígenas e camponesas cobra o altíssimo preço de uma morte a cada 35 minutos.

O Turismo também representa uma outra grande fonte de renda, pois, nestas regiões estão localizadas as mais importantes construções dos antigos povos Maias. Para atender às suas demandas, Chiapas conta com uma média de sete quartos de hotel para cada mil turistas, enquanto oferece só 0,3 leitos de hospital para cada mil chiapanecos.

A educação vem sendo considerada como a pior entre os estados mexicanos: de cada 100 crianças que frequentam o ensino primário, 72 não terminam a primeira série e mais da metade das escolas não oferece nada além da terceira série do primeiro grau. Além do descaso das autoridades, a deserção escolar nas áreas indígenas se deve fundamentalmente à necessidade de incorporar as crianças nas actividades que garantem a sobrevivência das famílias (EZLN, 1994).

Dispensa-se a necessidade de um economista para facilmente compreender que neste estado, os abundantes recursos naturais e o enorme potencial de desenvolvimento convivem, lado a lado, com profundas contradições sociais das quais se alimentam para garantir o enriquecimento de um selecto grupo de proprietários.

Alimentados pelo lucro e a exploração das terras chiapanecas, a elite representada pelos grandes latifundiários da região, exclui e despreza o povo e a

cultura indígena, dominam o controle de novas e velhas possibilidades de investimento, e, sobretudo, para as jazidas de petróleo, gás e urânio, ainda não exploradas. O único problema é que grande parte desta riqueza está exactamente nas áreas ocupadas pelas comunidades indígenas. Ou seja, para os senhores do dinheiro, os povos originários destas terras não passam de um empecilho que precisa ser removido, no poder da lei ou na força das armas.

Talvez, após conhecer tamanha carência, escassas condições de sobrevivência e de total desprezo pelo estado na região de Chiapas, seja possível tentar justificar o surgimento do exército zapatista que desde 1º de janeiro de 1994 até hoje, oferece a oportunidade do povo indígena de morrer lutando ao invés de continuar morrendo de tuberculose, cólera, sarampo, pneumonia ou pelos covardes ataques dos paramilitares. Cansados de conviver com a total negação de direitos humanizados, não restou outra alternativa aos zapatistas se não a de lutar pela sobrevivência dos povos indígenas, pelo reconhecimento de suas culturas, contra a fome, contra as expulsões de terras, contra a violência do exército federal, contra a o sistema global e a favor da vida. O surgimento de um exército que tenta resistir a tamanha condição de exclusão é o que resulta fortalecer a formação do fogo do exército zapatista. A chama pela paz e defesa das minorias indígenas.

Do seu surgimento, em 1994 até 2006, o movimento conseguiu se fortalecer e consolidar muitas bases de apoios e defensores pelos direitos humanos e ONG's no México e em todas as partes do mundo. Actualmente, os municípios autónomos zapatistas crescem e se desenvolvem dentro do estado de Chiapas, apesar da constante ameaça militar do exército federal, tais municípios autónomos sobrevivem para ensinar ao mundo, alternativas para a construção de um outro mundo, mais humano e de respeito a todas as culturas.

O cerco militar do exército federal e a forte tensão pelos constantes ataques contra as culturas indígenas no sudeste mexicano se espalha e cresce nas vias de

acesso para as principais cidades ao estado de Chiapas. Nas principais estradas, se multiplicam os acampamentos e os comboios de veículos militares e se percebe facilmente o número crescente de ocupações militares invadindo escolas e prédios públicos para construção de quartéis provocando fortes intimidações contra a liberdade em muitas comunidades indígenas. Um ambiente de uma real “guerra de baixa intensidade”, como costuma ser denominada, pelos mexicanos referindo-se a boa parte da região do estado de Chiapas. Tal condição de opressão e estratégia de intimidação contra a resistência do exército zapatista são menos espetaculares que as guerras “clássicas” visto que seu objetivo principal é de não aparecerem como uma guerra. Uma demonstração dessa condição de violência que baliza a vida indígena em Chiapas pode ser percebido através do contingente do exército federal mexicano presente em Chiapas, que representa mais de um terço de todo exército mexicano.

Certamente não se pode confiar num governo local e global que oferece acordos pelo respeito indígena, ofertando violência e alta opressão militar. O governo mexicano diz estar disposto a negociar em defesa dos direitos indígenas, mas não avança em nada de substancial quando se trata de acatar as reivindicações mais simples dos zapatistas, ou contrário, mantém 50 mil efetivos do exército federal cercando todo o estado de Chiapas.

A violência contra os indígenas: uma guerra silenciosa

A situação de violência e o ambiente de guerra em Chiapas, ainda hoje, é desesperadora e certamente o número de massacres, prisões, agressões e ameaças contra os indígenas teria sido muito pior, se não houvesse uma constante e presente pressão internacional, o que resulta parte de uma estratégia de segurança para a sobrevivência e o fortalecimento dos zapatistas.

No entanto, esse imenso círculo internacional de ONG's, outros movimentos sociais transnacionais e defensores dos direitos humanos em torno dos zapatistas, não protegeu inteiramente toda a população indígena do estado de Chiapas. Durante mais de 12 anos, desde o levante insurgente de 1994 até os dias atuais, a rotina de violência e perseguição contra os indígenas tem escrito trágicos relatos ao longo de sua luta por direitos e liberdade em suas terras. Um dos incidentes mais trágicos, que passou a marcar a história e reforçar a luta em defesa dos zapatistas pelas organizações de defesa dos direitos humanos no mundo aconteceu nas vésperas do Natal de 1997. No dia 22 de Dezembro, indígenas refugiados pela brutalidade do exército federal mexicano, que estavam reunidos numa capela local para rezar contra a violência, foram atacados por um grupo armado de para-militares¹³ com espingardas e machados. Ao fim de quatro horas de fortes agressões, 45 cadáveres estavam caídos por terra, entre eles os de 21 mulheres e 15 crianças, todos indígenas *tzotzil*. A pronta reação dos representantes dos direitos humanos no mundo ao massacre, obrigou as autoridades mexicanas a iniciar uma rápida investigação que resultou na prisão de um dos grupos para-militares fomentados pelo PRI (partido do governo) como forma de minar a influência dos zapatistas na região.

O massacre de Acteal ficou marcado pelo início de uma série de ofensiva militar de alta violência contra os povos indígenas de Chiapas. Tais agressões sempre revelavam a garantia de impunidade, o desrespeito e a intolerância pelos direitos humanos e encobrimento de todo o aparelho de Estado mexicano. Segundo relata os Zapatistas: “um nome resume a posição governamental relativa a Chiapas: Acteal, o etnocídio que quer ser ocultado com a hipocrisia, a impunidade garantida pela legalidade institucional”.

Em Chiapas, a onda de violência e os ataques contra a paz não apenas se restringe a exclusão, a pobreza e o desprezo no qual se encontram os povos indígenas. As instâncias de proteção aos direitos humanos, mediação de conflito e

coadjuvância também são alvos das agressões, definidas também pelo governo federal mexicano como rebeldes e objectivos a ser destruídos na guerra vergonhosa governo com que o governo mexicano promove no sudeste do México. Os ataques à Comissão de Concórdia e Pacificação (COCOPA), assim como a Comissão Nacional de Intermediação (CONAI) seguiram a lógica dos “ajustes de contas” da classe política no poder.

A violência se espalha em Chiapas para servir as ordens do governo mexicano e aos interesses do mercado internacional pela região de Chiapas. Contrário a esta posição, em defesa da vida dos indígenas, Chiapas recebe diariamente uma grande quantidade de ativistas, militantes pelos direitos humanos, jornalistas de todo mundo¹⁴ e pacifistas que tentam proteger o avanço da violência e do descaso social na região.

Contra esta situação criminosa que fere todas as prerrogativas dos direitos humanos, os zapatistas testemunham que:

A evidente decisão guerreira do governo mexicano não só recebeu a reprovação do Poder Legislativo Federal e a franca oposição da sociedade civil nacional. A comunidade internacional viu com horror o genocídio que essas medidas governamentais anunciavam e prontamente se mobilizou para fazer o possível para deter a morte que já se semeava em terras indígenas. Observadores da América do norte, centro e sul, assim como da Europa e da Ásia cruzaram milhares de quilómetros e atravessaram oceanos inteiros para chegar até às montanhas do sudeste mexicano com uma só mensagem: paz com justiça e dignidade. O governo federal decretou então que a guerra de extermínio contra os indígenas era uma prova da soberania nacional e exigiu que não haveria testemunhas que não fossem cúmplices. Assim, todos aqueles que não simulavam e não aplaudiam a guerra foi e são acusados de "turistas revolucionários" e de "pretender a ingerência em assuntos internos". Às acusações seguiram-se as expulsões e o resultado é hoje claro: em Chiapas são bem-

vindos os estrangeiros que aplaudem a guerra e a destruição, e os que procuram a paz e a construção são castigados e expulsos.

Embriagado de sangue, o governo não só despreza o Congresso da Nação e o povo do México, mas também ignora o clamor internacional que faz eco duma mesma exigência ao governo mexicano: detenha a sua guerra e comprometa-se com a paz.

Para o governo federal: guerra de extermínio contra os indígenas mexicanos, impunidade para os criminosos, incumprimento dos acordos assinados, destruição das pontes de diálogo e negociação, e desafio à opinião pública nacional e internacional, faz parte das ordens do dia dos governos que se vendem e se rendem a globalização. O governo mexicano continua não oferecendo aos indígenas mexicanos uma outra coisa que não a guerra e a destruição (Marcos, 1999).¹⁵

Incapaz de reconhecer as verdadeiras causas do conflito indígena - a marginalização, a opressão e a miséria -, o governo mexicano tem tentado, até agora sem sucesso, derrotar a resistência zapatista na base da força, violência sem limites e alta intimidação através da militarização em todo o sudeste mexicano.

Um movimento de resistência contra uma globalização militarizada

No lugar do oferecimento de condições para que se possa viver numa aldeia global, o que se conhece em Chiapas é uma forte globalização militarizada que despreza as culturas indígenas e as condena a miséria.

Segundo o Prof. Magno de Carvalho em recente entrevista, atenta para as relações entre o surgimento do exército zapatista e as aplicações da globalização através das propostas neoliberais e afirma:

Apesar de que o EZLN começou a ser construído a partir de 1994. O México foi o país do chamado Terceiro Mundo onde primeiro e mais aceleradamente se aplicaram as medidas neoliberais, que lá se iniciaram com a privatização do sistema bancário. Segundo Noam Chomsky, *durante a última década de reforma econômica neoliberal,*

o número de pessoas que vivem em extrema pobreza nas zonas rurais aumentou em um terço. Chomsky cita também a rápida erosão dos direitos trabalhistas ganhos a força, com medidas tomadas para a redução de custos das empresas, e com a marginalização crescente de setores da população. Chomsky lembra que mesmo os defensores do TLC (NAFTA) reconhecem que cerca de 70% da força de trabalho sofrerá perdas nos seus salários, em especial os menos qualificados.

Os teóricos da burguesia dizem que em Chiapas nasce a guerrilha pós-comunista. Sebastião Tigüera, brasileiro, analista político, residente há muitos anos no México, questiona: "Como uma forma de luta que para o consenso conservador estava 'fora de moda' logra ganhar tanta simpatia no seio de amplos setores sociais?" Tigüera diz que o aparecimento do EZLN constitui um verdadeiro fenômeno social que atinge e questiona todos os pressupostos das teses neoliberais e, de forma profunda, os pilares da dominação político-ideológica das classes dominantes hoje (Carvalho, 2003).

O surgimento do movimento zapatista foi, de certa forma, um movimento local que expandiu-se para o global, transnacional, contra a globalização e em oposição a proposta neoliberal que se apresenta de maneira a desprezar e rejeitar as culturas indígenas e as minorias. O governo mexicano se veste de promessas, mentiras e vai ainda mais longe nas políticas neoliberais, impondo zonas "de livre comércio" na América Central para que as multinacionais possam melhor explorar o trabalho, as terras e toda a riqueza da região do sudeste mexicano e a pobreza de seu povo.

As políticas neoliberais que aprisionam cada vez mais as condições sociais do México, impondo-se contra a vontade da imensa maioria dos mexicanos provoca a destruição das bases materiais do Estado nacional. Boa parte da população mexicana vive atualmente em condições igualitárias de vida, mas não na bonança ou nos níveis mínimos duma vida digna. Pelo contrário, a pobreza atualmente iguala e aproxima as classes médias de ontem com os pobres de sempre. O único índice que cresce de modo apreciável neste modelo econômico são os índices de pobreza, e desse modo,

os resultados não poderia ser outro, para além das evidentes violações dos direitos humanos em Chiapas. O que mais preocupa, é que todo esse comportamento e ambientes de destruição social em Chiapas, reflecte a realidade de muitas regiões de países na América Latina e no mundo.

É nesse contexto que se insere uma antiga lei da evolução social, segundo a qual a resistência enfrenta a dominação, a delegação de poderes reage contra a falta de poder e projetos alternativos contestam a lógica inerente à nova ordem global (Castells, 2002).

Contra essa dominação da nova ordem global o pronunciamento da jornalista e escritora canadense, Naomi Klein no Fórum Social Transatlântico em 2002, revela bem a importância e da resistência que nasce juntamente com o surgimento do movimento zapatista. Um movimento que nasce praticamente indígena em seu início acolhe uma identidade com todas as minorias oprimidas no mundo, e afirma: “A origem do movimento anti-globalização, não está em Seattle, mas sim no 1º de janeiro de 1994, em Chiapas” (Tejada, 2002).

A revolução que pôs fogo e esquentou a luta pelo resgate dos direitos indígenas em Chiapas é um exemplo de como crescem se deu a formação de grupos de inconformistas e núcleos de rebeldes por todo o planeta. Segundo os zapatistas a guerra provocada pela globalização no mundo revela o confronto entre o império dos financistas de bolsos cheios contra as muitas rebeliões dos bolsos da resistência. O movimento zapatista em conexão com muitos outros movimentos abraça um ponto em comum no que diz respeito a vontade de resistir à “nova ordem mundial” e evitar a continuidade do crime contra a humanidade representado por essa guerra capitalista legitimada. O neoliberalismo tenta submeter milhões de seres humanos e quer desfazer-se de todos os que estariam “em demasia”. Mas estes “descartáveis” se revoltam. Mulheres, crianças, idosos, jovens, índios, ecologistas, homossexuais,

lésbicas, soro positivos, trabalhadores e todos os que perturbam a nova ordem, que se organizam e que lutam. Os excluídos da “modernidade” tecem as resistências.

Não é somente nas montanhas do sudeste mexicano que se resiste ao neoliberalismo. Nas outras regiões do México, na América Latina, nos EUA e no Canadá, na Europa, na África, na Ásia e na Oceania, os bolsos de resistência se multiplicam. Cada um tem a sua própria história, suas peculiaridades, suas semelhanças, suas reivindicações, suas lutas, seus sucessos. Se a humanidade quer sobreviver e se aperfeiçoar, sua única esperança reside nestes bolsos que formam os excluídos, os abandonados à própria sorte, os “descartáveis”.

Este é um exemplo de bolso de resistência, mas não deposito nele muita importância. Os exemplos são tão numerosos quanto as resistências e tão diversos quanto os mundos deste mundo (Macedo, 1997).

No entanto, o fogo da resistência zapatista visto através do poder bélico do exército zapatista chega a ser ridículo. Boa parte do arsenal zapatista é formado por antigas armas artesanais. O que dar força aos zapatistas, definitivamente, não são as armas, e sim as idéias de organização de movimento social e principalmente as palavras.

Identificar as estratégias, do fogo indígena para as palavras na formação do EZLN, demonstra a as diferenças entre o fogo do exército zapatista que revelou ao mundo a face da revolução de luta pelos direitos indígenas em 1º de Janeiro de 1994 e a palavra do movimento zapatista como atualmente é conhecido, doze anos após esta data. A evolução do movimento zapatista através das palavras como um dos principais eixos de sua luta pelo reconhecimento de seus direitos será o objetivo das análises de suas estratégias de comunicação.

3. A Palavra Zapatista: uma Estratégia de Comunicação

O México tem sido protagonista de um movimento exemplar pelos seus contrastes e potencialidades. O exemplo dos Zapatistas é impressionante: como um movimento nascido do fundo da miséria e da marginalização dos indígenas salta para a Internet e interatua diretamente com os integrantes dos diversos grupos de apoio internacional, com que conta o movimento.

Castells (1996: 30)

Como proposta de analisar os motivos da formação, surgimento e estratégias de luta através da palavra e articulações em redes, o Movimento Zapatista e sua formação como exército indígena, não teria o logro de suas conquistas actuais e o apoio internacional se não tivesse prezado por uma estratégia que pudesse revelar ao México e ao mundo a urgência e a necessidade para exigir uma vida digna entre os indígenas através da adopção de uma estratégia de forte ênfase nas comunicações locais e globais. Confrontando a tradição dos movimentos guerrilheiros das últimas décadas, os zapatistas, fazem da sua palavra um instrumento de guerra, um lugar privilegiado de conflito, para desmascarar as mentiras e superar os limites geográficos e militares de sua actuação. O surgimento do movimento zapatista, praticamente, 10 anos antes do seu aparecimento, em 1º de Janeiro de 1994, é marcado por um período de ruptura entre o distanciamento das comunidades indígenas, que viviam isoladas, e a formação de comunidades integradas que passaram a ser autónomas. Tal condição de desenvolvimento um espaço de resistência regional, unindo várias etnias e diferentes culturas no sudeste mexicano, é dado devido a estratégia de comunicação interna e articulação internacional zapatista.

Reconhecido por ser o primeiro movimento social da história a utilizar a *Internet* para fazer ecoar suas ideias e demandas, os zapatistas fazem comunicados

através das “palavras electrónicas andantes”, fortalecendo a comunicação, a interacção e a criação de bases de apoio, comités de solidariedade, organizações para a promoção da emancipação social e defesa pelos direitos humanos em todos os continentes. Dessa forma, a palavra, assim como a importância da formação do exercito zapatista, num primeiro momento, constitui também de uma estratégia de comunicação de uma revolução tribal que se projecta para o meio digital e revela ao mundo os motivos de sua luta pela multiculturalidade dos direitos humanos através de uma nova forma de acção política “sem lugar” e “em todo lugar”, transferindo os conflitos para o mundo dos fluxos electrónicos, ou seja, para o mesmo lugar da reprodução (da globalização hegemónica) do capital financeiro, o que sugere um inédito elemento de reflexão, entre os zapatistas e a relação identidades culturais-comunicação-conflitos sociais. Passados mais de 12 anos, desde o 1º de Janeiro de 1994, o movimento zapatista vem sobrevivendo, lutando e conquistando seu espaço em defesa de um mundo onde caiba muitos mundos.

Subcomandante Marcos: o símbolo, a voz e as palavras zapatistas

Sendo um movimento social que propõe a democracia, liberdade e justiça, o EZLN não possui um só líder, todos e todas são considerados iguais entre os zapatistas, porém a habilidade e as diferenças de cada um são respeitadas. Existem os que são melhores articuladores políticos e existem os que melhor conhecem as tácticas e estratégias militares de protecção do movimento e de suas comunidades.

Certamente o principal ícone, ou o personagem mais conhecido de toda história, formação, luta e actualidade do exercito zapatista, é sem dúvida a internacional figura do emblemático Subcomandante Insurgente Marcos, uma espécie de porta-voz do EZLN. É, quase sempre, através de Marcos que o EZLN comunica-se com a sociedade mexicana e internacional, revelando ao mundo as reais condições de crime contra os direitos indígenas em Chiapas. O movimento zapatista é um

movimento profundamente consciente do poder das palavras e dos símbolos, e é na imagem do subcomandante Marcos, um homem que esconde sua identidade, que os zapatistas projectam o símbolo de milhões de indígenas, renegados, rebeldes solidários e anarquistas. A simpatia do enigmático subcomandante Marcos é dado por milhões de seguidores que aprenderam a evitar líderes carismáticos com panaceias ideológicas ou soluções para o destino do mundo. Entre os zapatistas não há lealdade partidária: são membros de grupos que se orgulham de sua autonomia e ausência de hierarquia.

Dessa forma, o subcomandante Marcos começa a destacar-se desde o início da formação do exército zapatista. Segundo registros da formação do EZLN, Marcos chega à selva de Chiapas por volta de 1984, acompanhando os primeiros grupos de activistas que trocam as estratégias de militância urbana pela força e cultura indígena das selvas e espaços rurais. Ele mesmo se diz “subcomandante”, pois o comandante é o povo em geral.

Sobre o subcomandante Marcos, Naomi Klein, afirma:

Embora haja pouca confirmação da real identidade de Marcos, a lenda mais repetida que o cerca é a seguinte: um intelectual marxista urbano e militante, Marcos era procurado pelo Estado e não estava mais seguro nas cidades. Ele fugiu para as montanhas de Chiapas no Sudeste do México, cheios de certezas e retóricas revolucionárias para converter as pobres massas indígenas à sua causa da revolução proletária armada contra a burguesia. Disse que os trabalhadores do mundo deviam se unir, e os Maias apenas os olhavam. Disse que eles não eram trabalhadores e que, além disso, a terra não era uma propriedade, mas o coração de sua comunidade. Depois de haver fracassado com missionário marxista, Marcos mergulhou na cultura Maia. Quanto mais aprendia, menos sabia. Fora deste processo, um novo tipo de exército surgia, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, que não era controlado por uma elite de comandantes de guerrilha, mas pelas próprias comunidades, através de conselhos clandestinos e assembleias abertas. Isso significa que ele não era um

comandante berrando ordens, mas um subcomandante, um canal para a vontade dos conselhos. As primeiras palavras que pronunciou em sua nova identidade foram: “*Através de mim fala a vontade do Exército Zapatista de Libertação Nacional.*” Depois de subjugar a si mesmo, Marcos disse àqueles que o procuravam que ele não era o líder, e que seu passa-montanha preto era um espelho, refletindo cada uma de suas lutas; que um zapatista é qualquer pessoa, em qualquer lugar que lute contra a injustiça. “*Nós somos você*” (Klein, 2003: 274).

Segundo Naomi Klein:

Marcos é um personagem de Isabel Allende ao contrário - não o camponês pobre que se torna um rebelde marxista, mas um intelectual marxista que se torna um camponês pobre (*ibid.*: 276).

As mensagens e os comunicados zapatistas através do subcomandante Marcos podem ser lidos em inúmeras línguas, publicados nos principais jornais mexicanos e internacionais e na *Internet*, onde tenta mostrar ao mundo a guerra que está acontecendo e o total desrespeito pelos direitos indígenas em Chiapas. Na verdade Marcos é mais um entre muitos representantes indígenas das etnias *tzotziles*, *tzetales*, *tojolabales* e *choles*¹⁶ (ou um dos mais de 70 mil soldados zapatistas). Os zapatistas são todos(as), não só Marcos, por isso a preocupação de uma descentralização do movimento em não se identificar quem verdadeiramente está por traz do subcomandante Marcos, ou outros zapatistas.

Foi através de uma célebre entrevista à imprensa internacional, concedida a jornalistas de todo mundo, que diante da pergunta “Quem é Marcos?” o próprio porta-voz do EZLN respondeu:

Marcos é um negro na África do Sul, gay em São Francisco, muçulmano na Europa, “chicano” nos Estados Unidos, palestino em Israel, judeu na Alemanha, pacifista na Bósnia, Sem-terra no Brasil, estudante que protesta, jornalista subversivo, anarquista na Espanha, médico sem hospital, mulher desacompanhada em metro às dez da noite em qualquer cidade do mundo, trabalhador sem trabalho em qualquer cidade e com certeza Zapatista no Sudeste mexicano.

Essa resposta simboliza bem o tamanho da força zapatista em fazer despertar a esperança em meio a uma região renegada de direitos. Marcos, como porta-voz do EZLN, sabe que o movimento oferece abertura para muitas causas, para todas as causas dos que querem apresentar ao mundo um novo caminho que não o da globalização. Sobre a verdadeira identidade do subcomandante Marcos, muito se tem especulado. Ele simplesmente diz que oculta sua identidade para mostrar o tamanho da luta no qual se envolveu e para que qualquer pessoa possa se vê representado independente das minorias que lhe são negada uma identidade no processo de globalização. Para os indígenas de Chiapas e para os milhões de militantes zapatistas no mundo, não importa saber quem é Marcos, e sim o que ele representa. A verdade é que através de uma inteligente estratégia de comunicação e principalmente da mídia, a figura do subcomandante Marcos transformou-se não apenas numa marca zapatista, mas principalmente numa marca de resistência internacional, num ícone de representações das minorias, de sentimentos e sentidos humanos, pacíficos, contra a globalização e estrategicamente coberto pela esperança de reinventar os meios para a emancipação social. Através de uma estratégia que busca projecção e protecção pela mídia, o subcomandante Marcos ganhou força com sua imagem, espalhou o grito zapatista pelo mundo e explica a importância do eixo de luta da palavra zapatista:

Nós acreditamos que a palavra deixa uma marca, as marcas definem rumos, os rumos implicam definições e compromissos. Aqueles que comprometem a sua palavra a favor ou contra um movimento, não só têm o dever de dizê-la, como também o de "afiá-la" pensando em seus objetivos. "A favor de que?" e "contra o que?" são perguntas que devem acompanhar a palavra. Não para calá-la ou baixar seu volume, mas sim para completá-la e torná-la efetiva, ou seja, para que se ouça o que se fala por quem deve ouvi-la (Marcos, 2003).

As estratégias de comunicação do movimento zapatista criou condições de não balizar, calar ou eliminar a voz e a figura do subcomandante Marcos. Actualmente a interligação internacional entre os zapatistas e o mundo está cada vez mais forte e construindo cada vez mais caminhos alternativos para a paz, emancipação social e o respeito entre as diferenças do mundo.

Toda essa representação das minorias marginalizadas pela opressão capitalista que faz crescer a pobreza, a guerra, o alto grau de militarização, a desigualdade social e o preconceito, encontram uma via alternativa para se pensar estratégias democráticas criadas pelos zapatistas através da comunicação e da mídia. Os milhões de jovens europeus, asiáticos e americanos que conhecem a realidade de injustiça dos povos indígenas, identificam-se com as demandas e a política do exército zapatista, não fazem por ser "solidários" com a causa zapatista, e sim porque são zapatistas. Muitos jovens - provocando grande confusão entre os jornalistas internacionais - chegam a afirmar e adoptar, com veemência, a própria identidade do subcomandante Marcos, e aos gritos manifestam-se: "Todos somos Marcos". Toda essa estratégia de expor a verdade das comunidades indígenas para o mundo, sem a necessidade de meios intermediários de comunicação, fez com que os zapatistas pudessem expressar suas ideais e demandas directamente com o governo mexicano, a sociedade mexicana e com a sociedade civil global.

A importância das palavras e da voz do subcomandante Marcos como um dos representantes zapatistas é apoiada por diversos escritores e intelectuais, a exemplo de Eduardo Galeano, José Saramago, Manuel Vásquez Montalbán, Carlos Fuentes, entre tantos, que ressaltam o fato de Marcos - além de exímio porta-voz - também ser considerado um dos grandes escritores críticos da actualidade.

Rebeldes, insurgentes e sonhadores pacifistas. Desde o 1º de Janeiro de 1994, através das palavras do subcomandante Marcos e de uma acertada estratégia de comunicação, o México e o mundo viu nascer uma nova alternativa para alcançar os caminhos da emancipação social e de luta pelos direitos humanos. Indigentes indígenas, a miséria da pobreza, os mais pobres entre os pobres, sobrevivem e resistem a mais de 12 anos, enfrentando o Estado e a mentira dos poderes neoliberais tendo a palavra e a esperança como sua principal arma. A palavra é o eixo de relação entre os zapatistas e o mundo. É a percepção de que não é o discurso zapatista que ainda vai se tornar fato, e sim o fato que se oferece de base ao discurso zapatista, aproximando, pelas comunicações, as comunidades pobres do sudeste mexicano e todos os outros continentes.

Uma revolução mediática

Para entender a estratégia de sobrevivência e todo fortalecimento das bases de apoio do movimento zapatista no México e principalmente nos demais países do mundo, faz-se necessário analisar como a palavra zapatista ecoa de maneira a fortalecer um movimento social que nasceu da desesperança e hoje utiliza-se da tecnologia para criar e expandir-se um espaço discursivo entre o espaço global e as resistências locais como é o caso do movimento indígena de Chiapas.

O exército zapatista é considerado por muitos como o primeiro movimento social a se desenvolver através da estratégia de um movimento informacional devido à sua força de comunicação e pela urgência de contar ao mundo sua real condição de

pobreza. Os, antes, primitivos povos indígenas promoveram um espectáculo de mídia para difundir suas mensagens e suas imagens, na busca desesperada por reconhecimento de suas culturas e contra a violência que nos últimos anos vem arrasando os povos indígenas do sudeste mexicano. Apostar na verdade e acreditar no poder das palavras, fizeram dos zapatistas, um movimento capaz de exercer um poder de comunicação com a sociedade mexicana e com o mundo, transformando seu contexto meramente local, indígena e de pouca expressão, para uma dimensão internacional, cosmopolita abrindo caminhos para construir sua história na vanguarda da política mundial.

Através da mídia, os zapatistas procuraram desenvolver uma nova estratégia para evitar a desigualdade social na era da globalização, promovendo actividades concretas de cidadania, onde seja possível lutar não só pelo reconhecimento de uma identidade, mas principalmente, estar sempre presente no imaginário social. Elaborar uma estratégia para permanecer sempre presente na mídia, actualmente resulta ser a prática de muitos dos movimentos sociais e organizações não governamentais (ONG's) que buscam essa visibilidade mediática como maneira de pressionar governos, partidos políticos e o mercado em relação à agenda social e política global. Com o propósito de abrir espaços para a promoção por uma emancipação social, esses movimentos sociais e ONG's, ao mesmo tempo em que conseguem realizar essa pressão, projectam-se e ganham em credibilidade social local e respeito internacional.

O tempo se altera em função dos novos meios de comunicação. A mídia, principalmente a TV e os jornais da grande imprensa, passa a ser um grande agente de pressão social, uma espécie de quarto poder, que funciona como termômetro do poder de pressão dos grupos que têm acesso àqueles meios. As Organizações Não-Governamentais, por sua vez, ganham proeminência sobre as instituições oficiais quanto à confiabilidade na gerência dos recursos públicos (Gohn, 1997: 296).

As comunidades indígenas de Chiapas que resistem bravamente à globalização têm adquirido importância e despertado a atenção de muitos outros movimentos sociais contra o avanço das propostas neoliberais. A construção de comunidades zapatistas autónomas, situadas em uma das mais isoladas e marginalizadas regiões de México, agora encontram-se no centro de um espaço discursivo que vem transgredindo muitas fronteiras. Nesse espaço, as alternativas para a emancipação social e o futuro dos direitos humanos são discutidos, assim como são as questões de autonomia cultural, preservação do meio ambiente, o enfraquecimento ou desaparecimento de tradicionais fronteiras geográficas, económicas, políticas e culturais, e a possibilidade de construção de comunidades através do cosmopolitismo solidário, tanto local como global.

Apresentando propostas para a mediação de conflitos entre o governo mexicano e os indígenas zapatistas, o subcomandante Marcos, apoiado por muitos activistas políticos e organizações de direitos humanos mexicanos e transnacionais, fazem da luta de Chiapas, a representação de um modelo de dignidade que inspira tentativas de articulação de novos modelos de justiça cognitiva e ligação com outros modelos democráticos. Não vem ao caso se a estrutura de poder utópico popular do EZLN e das suas comunidades de base realmente funciona de modo tão ideal, a verdade é que o movimento zapatista vem apresentando alternativas e promovido o aparecimento de espaços e esquemas descentralizados de solidariedade e comunicação.

O *slogan* "Todos somos Marcos; todos somos índios; todos somos Chiapas" é repetido não só no México, mas também na Irlanda, no Japão, na Holanda, na Itália, nos Estados Unidos, e em muitos outros lugares onde os/as 'leitores/as' ou o 'público' dos textos ou performances multimídia, realizados por ou sobre os zapatistas, também se tornam escritores/as e atores/atrizes no teatro global da resistência virtual contra a

repressão das minorias, o neocolonialismo dos Estados e a expansão dos planos de ação neoliberal (Abdel-Moneim, 2004).

O desenvolvimento das propostas zapatistas através da criação de espaços discursivo, contra-hegemônico de globalização e das razões para evitar a violência e o conflito em terras indígenas está provando ser uma lição eficaz e de em termos de activismo social no mundo. O processo interação entre o local e o global através de uma *militância mediática*, vem inspirando uma nova geração de activistas e re-inspirando as gerações passadas em muitos dos movimentos sociais latino-americanos.

A mídia ou, com mais precisão, a rede de mídias institui, a rigor, uma nova dimensão pública, própria da sociabilidade contemporânea. Esta dimensão está constituída por espaços eletrônicos, sem territórios e potencialmente desmaterializados, que se transformam em suportes de televivências, vivências à distância e não presenciais, planetárias e em tempo real. A conjugação entre espaços eletrônicos em rede e televivências possibilitadas viabiliza os fluxos globalizantes e institui a telerrealidade. O amalgama entre telerrealidade e realidade contígua, com seus espaços geográficos, suas convivências e seus fluxos locais, possibilita a singular experiência da contemporaneidade: viver glocalmente. Isto é, vivenciar em conjunção, combinada e desigual, todas estas marcações e possibilidades sociais (Rubin, 2003).

A exemplo da estratégia do movimento zapatista que utilizaram a mídia para divulgar suas ideias, obrigando o governo mexicano a declarar o cessar fogo e negociar as demandas zapatistas por direitos dos povos indígenas, um outro episódio pode exemplificar bem esta nova estratégia de comunicação entre os movimentos sociais. Em novembro de 1999, uma marcante articulação entre movimentos sociais levaram ao fracasso a “Rodada do Milênio” realizada pela Organização Mundial do Comércio em *Seattle*. Nessa ocasião, o principal instrumento para organizar acções de protesto contra a globalização foi a Internet.

Comunicação e Cidadania: os zapatistas e os movimentos sociais na *Internet*

Promover uma interação entre os indígenas do sudeste mexicano e as diferentes culturas e povos do mundo, foi o caminho traçado pelos zapatistas para lutar pela sobrevivência através das telecomunicações, vídeos e principalmente a *Internet*, visando tanto difundir suas mensagens de Chiapas para o mundo, quanto para organizar uma rede mundial de grupos de solidariedade que literalmente cercaram as intenções repressoras dos governos opressores do mundo.

Essa inovadora e eficiente estratégia zapatista, encontra nas comunicações e ambientes de circulação activistas de solidariedade o fortalecimento de uma rede de resistência no espaço virtual, o que sugere a necessidade de novos métodos para entender novos movimentos sociais transnacionais na era virtual. Os zapatistas divulgam os propósitos de seu conflito e transportam a zona material de Chiapas para uma zona sem fronteiras, que é simultaneamente ‘em lugar nenhum’ e ‘em todo lugar’. A concretização desta estrada virtual por onde caminha o exército e as ideias zapatistas, produz um crescente interesse solidário entre muitos movimentos sociais e organizações de defesa pelos direitos humanos consolidando inovadas realizações de políticas locais e globais, entre os indígenas e principalmente não-indígenas.

A rebelião zapatista está profundamente enraizada na história mexicana; entretanto, seu programa de demandas e a visão de mundo que a orienta estão bem ligados ao contexto mundial atual. A arma mais efetiva dos zapatistas é o seu convite para a re-articulação da identidade mexicana - e da identidade humana - através da busca por dignidade, democracia, e justiça social e econômica. Depois dos primeiros dias de conflito armado, o EZLN, na maioria das vezes, utiliza-se de estratégias não-violentas; uma delas é uma chamada à solidariedade da sociedade civil mexicana e do público internacional. Um elemento importante para o sucesso dos/das rebeldes em resistir às tentativas do exército que os quer esmagar é a circulação efetiva de comunicações via *e-mail* e *websites*, assim como a divulgação de informações sobre a crise através

do apelo às organizações não-governamentais (ONGs) que produzem boletins de ação urgente e publicam casos de abusos de direitos humanos na *Internet* (Abdel-Moneim, 2004).

No lugar do rádio, principal meio de comunicação dos velhos “focos revolucionários”, o advento da *Internet* e a crescente utilização do espaço virtual como um campo de actuação para a construção de novos sistemas democratizantes, conduz as propostas zapatistas para uma estratégia de grandes possibilidades para criação de um espaço dinâmico e discursivo em que as palavras, imagens e actos de resistência nas comunidades de base zapatistas na zona de conflito adquirem numerosos níveis de significância. Quando os zapatistas revelam ao mundo a verdade de suas palavras e a real condição de miséria em que vivem as culturas indígenas, lançam também um convite para aproximar e acolher todos os demais movimentos que se sentem deslocados das propostas neoliberais que o governo mexicano ou os governos do mundo ofertam com a globalização. Tal convite, desperta a sociedade civil e é imediatamente atraente para grupos e agentes tão diversos quanto os sindicatos trabalhistas, activistas de direitos homossexuais, grupos em defesa de direitos indígenas, activistas lutando por reformas eleitorais, estudantes, artistas e escritores/as, jornalistas, homens e mulheres de partidos políticos, músicos populares e até mesmo os sectores desarticulados de classe média e vários intelectuais, o que resulta da possibilidade de uma construção de mediação para qualquer conflito entre o Estado e as minorias marginalizadas. Essa abertura, através dos canais de comunicação realizada pela palavra zapatista reflecte uma transformação radical nos velhos processos da mediação cultural e amplia a necessidade de respeito entre as diferentes culturas.

Muitos comunicados dirigidos a sociedade civil para que possam ser conhecidas a actual situação de Chiapas, circulam na *Internet* diariamente. Esta estratégia, é sem dúvida, o principal meio de resistência encontrado pelo EZLN para

somar forças em prol da luta pelos direitos humanos e combate a pobreza dos indígenas. O resultado desses comunicados e dessa articulação através da *Internet*, foi revelado nas manifestações e conseguiu superlotar as caixas de *e-mail* das embaixadas mexicanas de diversos países (inclusive a do Brasil) com cartas, invasões, pedidos e manifestações em torno da causa zapatista. Em meio a toda essa pressão internacional que apoia as causas zapatistas, o governo mexicano teve que ceder e passou a negociar uma possibilidade de atender as justas reivindicações do EZLN.

Os zapatistas encenaram uma insurreição aberta, à qual todos podem se juntar. Por estimativas conservadoras, atualmente existem 45 mil sites na *Web* relacionados com os zapatistas, e os comunicados de marcos estão disponível em pelo menos 14 idiomas (Klein, 2003: 282).

Após traçar uma estratégia inovadora de comunicação e mídia para lutar pelos seus direitos, as armas já não superam a força das palavras zapatistas que se transformam em sua principal fonte de resistência. Formas inovadoras e eficientes de resistência, fazem do movimento zapatista a necessidade de reunir fisicamente os milhões de apoios que se consolidam no México e em muitas partes do mundo em torno da causa zapatista, o que resulta da organização e promoção de novos espaços como os Encontros Internacionais pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo. Tais encontros amadurecem a possibilidade e os novos caminhos para discutir não só a situação dos indígenas, como principalmente de todas as minorias marginalizadas no mundo para combater os caminhos trilhados pelo neoliberalismo. Como principal canal para essas discussões, a *Internet* é utilizada pelos zapatistas para divulgar os comunicados do EZLN, solicitar solidariedade internacional e propor meios para a união entre os povos do mundo. Desenvolver espaços democráticos através da tecnologia emergente na tecedura dos espaços globais de resistência contra as injustiças económicas, políticas e sociais; e as possibilidades que novas tecnologias,

vem apontando um caminho promissor que garante o sucesso do movimento zapatista para a construção de uma tejedura futura que conecte as lutas locais com os temas globais.

O espaço de construção democrática, com o que os zapatistas identificaram na *Internet* para amplificar suas vozes e revelar ao mundo as constantes violações dos direitos humanos, as agressões, os abusos sexuais, e todos os tipo de acções neo-colonialistas, tornaram os relatos zapatista um símbolo de resistência que inspira mais solidariedade e mais resistência virtual fora da zona física de conflito. Dessa forma, a resistência virtual e a emergência do espaço discursivo de Chiapas têm sido importante para levantar o nível de consciência sobre as lutas daqueles corpos resistentes e para articular simbolicamente tais lutas com outras lutas emergentes em todo mundo. Muitas vezes, essas ligações tornam-se mais do que simbólicas.

No estudo encomendado à *RAND Corporation*, o EZLN é analisado como uma nova forma de conflito - 'a guerra em rede' - em que os protagonistas dependem do uso de formas de organização, doutrina, estratégia e tecnologia em rede (*ibid.*: 283).

O movimento zapatista e sua estratégia de comunicação e utilização da rede de diálogo virtual, inicia uma nova etapa para os meios de se construir uma revolução no México; um novo estágio de resistência dos movimentos sociais transnacionais e sem fronteiras. A condição de sobrevivência de um movimento indígena que luta por reconhecimento e espaço num mundo desigual e de crescente pobreza foi a escolha pela mediação de conflitos entre mundos diferentes, foi abrir a condição para uma sinergia entre modelos subversivos inovadores que atravessam fronteiras para estabelecer ligações intertextuais ou hipertextuais entre actos anteriormente isolados de produção simbólica, de crítica cultural e de dependência desoladora dos direitos humanos para sua proposta universal. A partir daí, fica evidente, segundo ressaltaram vários especialistas sociais, que a luta (re)iniciada pelos zapatistas não é

pela tomada do poder e, sim, pela tomada de espaço, pelo reconhecimento e pelo respeito ao povo indígena. Através da *Internet* os zapatistas criaram uma estratégia onde a *cybercultura* universaliza as visões de mundo mais distantes, contestando os modos de organização social mais contrastantes, as ambições mais difusas, sem favorecer pensamentos únicos ou domínios por coerção.

Neste contexto surge a “cultura digital”, que “define em síntese, o novo contexto tecnológico das sociedades onde a informática joga um papel paradigmático, através de procedimentos...” em que “a informação numérica, visual, textual, gráfica etc. pode ser recolhida, armazenada, processada e transmitida em um mesmo formato digital, o que significa sua standardização perfeita” (Aparici, 1999: 57).

O poder da estratégia das palavras zapatistas merecem destaque sobre dois aspectos: a extraordinária capacidade de articulação entre as diferentes culturas indígenas que compõem o exército zapatista e o uso das comunicações para divulgar as causas da rebelião zapatistas. Desde o início da insurreição, os zapatistas afirmaram que, nos objectivos da rebelião, estavam incluídos a democratização de todo o país e a construção de um estado de direito onde prevaleçam a justiça cognitiva e o bem estar para todos(as) os(as) indígenas chiapanecos, mexicanos e cidadãos do mundo. Com estas demandas e lutando por um desenvolvimento humano contra hegemónico de globalização. Dessa forma, não foi difícil para o movimento zapatista construir uma rede de apoio em toda a sociedade mexicana e com uma imensa rede de assessores em todo o mundo. São professores, artistas, religiosos, escritores, estudantes, representantes do movimento popular, sindical, ONG's, etc. Eles formam um enorme contingente que assessora os zapatistas nas negociações de paz e em outras questões estratégicas. Dessa forma, a tentativa do exército federal mexicano e as leis para

tentar isolar e esconder os abusos, a violência e os graves desrespeitos contra os direitos humanos em Chiapas, se torna cada vez mais impossível.

Desde o espaço discursivo de Chiapas onde são emitidos a ressonância do apelo zapatista “não nos deixem só”, pode-se perceber uma organização virtual pela circulação de lutas através de textos multimídia, o que inspira e fortalece os activistas desse movimento fisicamente engajados na resistência, assim como esses activistas inspiram e fortalecem a resistência virtual pela criação de espaços democráticos de respeito as múltiplas culturas existentes no mundo e onde o respeito pelos direitos humanos seja uma realidade possível para o bom convívio das diferenças no mundo.

“A Outra Campanha”: ampliar conquistas de comunicação interna ou o fracasso de influências na campanha presidencial de 2006?

Recentemente as estratégias e as formas de organização do movimento zapatista foram alvo de grandes críticas por muitos militantes internos e externos a realidade indígena do sudeste mexicano. Movimentos sociais transnacionais, intelectuais, activistas internacionais e ONG’s em todo mundo dispararam críticas ao comportamento do movimento zapatista diante da recente preparação eleitoral presidencial de 2006. Enquanto os partidos políticos mexicanos brigavam pelo voto dos eleitores mexicanos, o Sub-comandante Marcos, agora auto denominando-se de “Delegado Zero”, faz ecoar de Chiapas uma estratégia de desvirtuar as atenções e o interesse da sociedade mexicana para as campanhas eleitorais e propor uma “Outra Campanha”, com interesse de lançar uma nova forma de fazer política. Novamente saindo de Chiapas, os zapatistas percorreram todo o país para escutar o povo, consultar a população mexicana e, segundo seus militantes, apresentar outras propostas para preencher um vazio político na sociedade mexicana, reorientar e

integrar os movimentos sociais. Segundo Ana Esther Ceceña, pesquisadora da CLACSO¹⁷ e diretora da revista Chiapas, afirma:

O que os zapatistas estão dizendo é que os partidos não servem como forma de organização e, assim, pensam em fazer uma organização não eleitoral. Incluir os que estão organizados e os que não estão, todos com pensamento de esquerda, de maneira que não haja uma força que hegemonize, mas uma construção nova, de forma que as várias forças de esquerda participem igualmente.

Por outro lado, ao final de mais uma eleição e independentemente das posições políticas do candidato vencedor, mais uma vez o México sofreu altas e gravíssimas suspeitas de fraude eleitoral, onde as estratégias zapatistas após uma caravana nacional, não alcançaram o objetivo de buscar novas saídas localizadas para os problemas indígenas no México. A principal crítica dá-se ao modo de que um movimento que quicou foi o primeiro a manifestar posições contra-hegemonicas de globalização abraçando a integração das minorias globais, abarcando outros movimentos transnacionais, agora, desloca seus objetivos para as questões nacionais, internas e indígenas deixando de lado as alianças internacionais. Talvez o motivo das eleições tenha forçadamente levado o movimento zapatista a optar por uma estratégia de fortalecimento e coesão da base do movimento. No entanto, mais interno ou não, a verdade é que o *não-local* das articulações das redes e a mídia mundial nunca ausentou atenções aos comunicados zapatistas. Se as críticas atiradas a “Outra Campanha” foram grandes, grande também é a certeza de que as palavras zapatistas emitidas, seja pelo Subcomandante Marcos, seja pelo “Delegado Zero”, os zapatistas continuaram tentando construir uma plataforma política nacional descolada de todo poder institucional e que a esperança de construção de um outro mundo possível possa contemplar não apenas os indígenas zapatistas de Chiapas mas todas as minorias apartadas pela globalização.

4. (In)Conclusão

Sobre a utopia eu pergunto: que transformação social na história do mundo não foi utopia na véspera? Nenhuma.

Subcomandante Marcos

em entrevista a Manuel Vásquez Montalbán.

Em meio a tanta miséria social e humana, a globalização avança alimentando seus interesses, onde o poder do capital se fortalece a cada dia em detrimento da vida e da sobrevivência da própria espécie e do planeta. Contra essa realidade, o movimento zapatista nasce da necessidade de lutar para o reconhecimento de suas culturas, provocando uma ruptura ao longo dos séculos, onde os indígenas padecem de discriminações e marginalização na sociedade. A condição de exclusão dos indígenas, pelo fato de serem tidos como “diferentes”, provoca discriminação linguística e cultural por parte do governo mexicano que não reconhece a diversidade étnica de seu povo. Essa postura de desprezo estatal provocou, entre outras, o surgimento do EZLN e o fortalecimento de uma luta popular de cunho étnico pela autonomia dos povos, que inclui 56 grupos indígenas que estão lutando pela sua autonomia sem desejar, com isso, uma ruptura com a unidade da nação. Eles reivindicam o reconhecimento de sua autonomia cultural, em que se reconhece a língua e a educação de povos distintos. Por isso, a reivindicação de autonomia e emancipação social é um exercício vez cada mais praticado, onde a experiência de auto-organização e de autogestão de todo o tipo estão por toda a parte na ordem do dia nos novos movimentos sociais transnacionais.

É bem verdade que as ditaduras militares desapareceram nos países da América Latina, no entanto o que restou não é muito melhor: corrupção, pobreza e crescente desigualdade social. Como continuar vestindo a esperança da liberdade, igualdade e comunhão entre os diferentes povos e culturas se não a busca de um caminho para reinventar propostas reais de emancipação social? Essa é justamente a

condição que através do movimento zapatista pode-se entender a proposta da utilização de suas palavras e estratégias interligadas em rede para oferecer reconhecimento e acções interligadas frente as diferentes realidades sociais num mundo multicultural.

Hoje o movimento zapatista e o amadurecimento de uma proposta para a construção de caminhos e estratégias transnacionais para a emancipação social cresce e se fortalece em defesa da paz e de combate a pobreza, não apenas entre os indígenas de Chiapas, mas em todo mundo. As conquistas dos zapatistas desde o levante no dia 1º de Janeiro de 1994 foram muitas. A primeira corresponde ao desafio de passados mais de 12 anos depois do levante, os zapatistas sobrevivem e se fortalecem, criando um espaço virtual de partilhas das experiências globais de protecção dos direitos humanos, o que não deixa de ser uma grande conquista. Outra grande conquista do EZLN é insistir na luta, no resgate de todas as culturas e na construção de organizações que, de uma maneira ou de outra, estão ficando de fora de um processo de desenvolvimento global e organizam-se para resistir, construindo caminhos para um lugar mais justo, mais livre e verdadeiramente democrático. Os zapatistas demonstraram que a luta por dignidade e o resgate da história do México devem partir do povo e serem feitas para o povo, abrindo espaços onde as características de uma perspectiva pós-colonial possa dar margens para ouvir outras vozes, quase sempre silenciadas. Até 1994 ser chamado de indígena no México era um insulto, hoje é motivo de dignidade, respeito cultural, exemplo de lutar pela justiça e construir espaços para a paz. As mudanças e as estratégias dos movimentos sociais transnacionais em busca do reconhecimento de suas culturas, tomando como exemplo o movimento zapatista, apontam novos caminhos para combater uma visão totalitária do mundo, destruindo o “pensamento único” de “O Fim da História” (Fukuyama, 1999)¹⁸ a abrindo espaços de dialogo para que a emancipação possa nascer assim como o desejo de um outro mundo possível, de criação de novos e

outros espaços para a democracia, pela existência de alternativas políticas, “por uma outra campanha”.

Para alguns especialistas em movimentos sociais, elucidado os fatos que provocaram o surgimento e as causas da luta zapatista, ainda se questionam: Porque é tão difícil entender o “grito” zapatista como uma possibilidade de se construir uma nova condição de se fazer política? Naomi Klein, bem respondeu ao escrever que os zapatistas não estão interessados em derrubar o Estado ou nomear seu líder presidente. Se tanto, o que eles querem é menos poder do estado sobre suas vidas. Esse é o verdadeiro paradoxo dos zapatistas e talvez motivo para que seu grito não seja entendido nos meios acadêmicos. Marcos defende que “não é necessário conquistar o mundo. É suficiente renová-lo”. E acrescenta, “Nós. Hoje.” O que distingue os zapatistas da maioria dos insurgentes guerrilheiros comunistas é que sua meta não é ganhar o controle, mas tomar e conquistar espaços autônomos onde “a democracia, liberdade e justiça” possam prosperar. Para os zapatistas, a “Revolução” não interessa, o mais importante é construir uma revolução que torne a revolução possível”. Esta é a essência do zapatismo e de sua estratégias de comunicação mediática, que explica grande parte de seu apelo: um chamado global à revolução que não diz para esperar pela revolução, apenas para começar de onde você está, lutar com suas próprias armas. Pode ser numa sala de aula, numa conversa entre amigos, através de uma camera de vídeo (ou fotografia), palavras, ideias, “esperanças” - todas, segundo Marcos, “também são armas”. É uma mini-revolução que diz: “Sim, você pode tentar isso em sua casa”. Esse modelo de organização se espalhou por toda a América Latina e pelo mundo. Hoje em dia, é crescente o número de pessoas que espalhas as idéias zapatistas nos centros sociais, como em esconderijos anarquistas na Itália; no Movimento dos Trabalhadores Sem-terra do Brasil, no movimento *Piquetero* argentino, organizações de desempregados cuja fome

os tem levado a encontrar novas formas de ganhar concessões do estado (Klein, 2003).

Certamente, os zapatistas não querem reger o futuro dos novos movimentos sociais transnacionais do novo século, ou servir de modelo para exportação, mas é inegável que a sua dimensão extrapola as fronteiras do México, constituindo um marco para reelaboração da praxis revolucionária através dos movimentos sociais.

O chamado e convocação dos zapatistas de criar um mundo onde caibamos todos, é verdadeiramente um chamado para o reconhecimento das diferenças, um chamado para a cidadania planetária global, cosmopolitismo solidário de um cidadão sem fronteiras. Tudo isso resulta num novo chamado em defesa da vida, de semear o surgimento do ser do cuidado, de protecção dos direitos humanos multiculturais e principalmente de tornar possível a conduta moral para criação de uma educação de paz entre a raça humana e a terra.

O surgimento zapatista em 1 de Janeiro de 1994 certamente marcou condições de mudança para um mundo imerso na desesperança, crescente pobreza, exclusão social, negação dos direitos humanos, violência e guerras. O zapatismo é uma “estória” fora da História. É uma nova condição de se fazer política para a sustentabilidade social da vida humana do anti-poder estatal. A sabedoria zapatista emerge a esperança que diz através da voz do subcomandante Marcos: “Não posso fazer sua história para você. Mas posso lhe dizer que a história é sua para que você a faça”. E parece que o muitos dos novos movimentos sociais transnacionais estão aprendendo algo e em resposta para todo o sofrimento e luta zapatista na construção de novos caminhos e os gritos: Zapatistas, vocês não estão sozinhos! Todos somos Marcos! Ecoam pelas terras onde ainda cabe a esperança.

¹ Muitas das culturas que formam a população indígena de Chiapas fazem parte de muitas etnias, entre elas: *tzotzil*, *tzeltal*, *chol* e *tojolabal*.

² Municípios chiapanecos tomados em 1º de janeiro de 1994 foram: *San Cristobal de Las Casas*, *Altamirano*, *Ocosingo*, *Las Margaritas*, *Oxchua*, *Huixtan* e *Chanal*. Estes municípios formam uma área estratégica em regiões adjacentes à Floresta Lacandona em Chiapas.

³ Principal porta-voz do Exército Zapatista de Liberação Nacional. Ver página 21.

⁴ Emiliano Zapata foi um dos heróis nacionais mexicanos, líder da revolução de 1910, que lutou ao lado de Pancho Villa contra a ditadura de Porfírio Dias, comandando um movimento majoritariamente indígena pela defesa da causa dos camponeses pobres do México fortalecido pelo grito de Terra e Liberdade. Essa revolução indígena, que lutava por uma vida mais digna para as populações pobres do México, combatia a desigualdade social tomando as fazendas e distribuindo as terras entre os indígenas. A esperança e o sonho de igualdade, justiça e liberdade, do que foi considerada a primeira revolução armada do século XX é interrompida com o assassinato de Zapata em 1919. Segundo os seguidores da revolução indígena de Zapata, no exato momento em que o homem morre, a lenda de Zapata nasce e renasce a cada dia, pois o general dos camponeses e indígenas do sul, não morrera nunca.

⁵ Organização Não Governamental “Jóvenes Construyendo la PAZ”. Universidad Iberoamericana - UIA / PUEBLA - PUE. México.

⁶ C.f: Para Boaventura de Sousa Santos, o conceito de *epistemicídio* resulta em designar a morte de um conhecimento local (SANTOS, 1998: 208). Esse conhecimento local, assim como as experiências contra hegemônicas localizadas, são desprezadas, não reconhecidas diante da racionalidade dos modelos de globalização “falsamente” hegemônica e de economia convencional.

⁷ O Partido Revolucionário Institucional (PRI) foi o partido que mais tempo permaneceu no poder mexicano. Até 2000 o PRI vinha governando o México ao longo de boa parte do século XX, desenvolveu-se, num sistema de partido único que domina a política mexicana desde o período posterior à revolução de 1920. Era um regime de total destruição democrática e de alta corrupção nos regimes eleitorais.

⁸ Ver Petriche, 2003.

⁹ Influenciados por Che Guevara que, ao longo da década de 60, refletia o perfil a ser seguido por muitas organizações guerrilheiras no que diz respeito aos logros e a vitória da revolução

cubana. Tais influências abraçavam a primeira fase de formação do EZLN não desprezando totalmente a possibilidade, e a “*a importância pela luta armada, a ligação orgânica entre os combatentes e o campesinato, o fuzil como expressão material da desconfiança dos explorados frente a seus opressores, a disposição a arriscar sua vida pela emancipação de seus irmãos*” (LÖWY, 1997).

¹⁰ *Ejido* é uma forma de posse coletiva da terra criada no processo de reforma agrária que a elite mexicana vai viabilizar para conter as pressões dos camponeses após a tentativa revolucionária de Villa e Zapata. Com a existência legal garantida pelo artigo 27 da constituição mexicana, as áreas dos ejidos não podem ser vendidas, arrendadas ou hipotecadas.

¹¹ Outro elemento importante provocou a decisão radical em busca de uma liberdade respeito pelos direitos humanos indígenas foi a clara percepção de que o Exército do governo mexicano que policiava as áreas indígenas não é tão forte e preparado como se acreditava. Uma incursão na selva, realizada oficialmente para procurar plantios de maconha, revelou-se um desastre para as forças governamentais. A montanha e o clima se encarregam de desestruturar os soldados que até pouco tempo atrás eram tidos como invencíveis.

¹² Quanto às armas, o Subcomandante Marcos explica claramente como foram obtidas, de acordo com o que consta nos relatos do trabalho: EZLN, passos de uma rebeldia (GENNARI, 2004). Não apenas da venda de animais e produtos agrícolas saiam os recursos para a compra e ao acesso as armas. Diz Marcos: “...uma pequena parte vem do trabalho de formiga, de comprar aqui e aí; uma outra fonte importante é a polícia mexicana e o Exército, naquela que é a sua luta contra o narcotráfico. Quando o exército prendem os narcotraficantes e tomam suas armas, só uma pequena parte delas é entregue às autoridades, porque o resto vai para o mercado negro. O exército indígena compraram do exército os AK-47, M-16 e outros armamentos. O exército achavam que estavam vendendo as armas para um grupo de narcotraficantes sobre o qual, em seguida, se lançariam para prendê-lo, tirar-lhe as armas e voltar a vendê-las; um bom negócio, claro. A terceira fonte são os jagunços dos latifundiários que são treinados pelos oficiais da segurança pública e do Exército. E há uma quarta fonte de aprovisionamento que são as armas que os camponeses têm na maior parte do México, escopetas de caça e outras coisas mais rudimentares”. Veja: Em Vários Autores, *Las palabras de los armados de verdad e fuego*, Vol 1, pg. 153.

¹³ Indígenas que são pagos e treinados pelo exército federal mexicano para se infiltrar nas comunidades indígenas e violentar, delatar as ações, agredir, e matar atuando sob a proteção e influências do partido político do governo mexicano, até 2000 governados pelo PRI.

¹⁴ Os primeiros jornalistas e organizações de direitos humanos que denunciaram violações e massacres entre as populações indígenas marcharam para Chiapas no afã de entender as reações para o surgimento do conflito e informar a população do mundo o que estava acontecendo em Chiapas, foram impedidos de entrar nas áreas de combate, acusadas pelo exército federal mexicano de colaboração com os zapatistas. Em Ocosingo, onde os rebeldes zapatistas resistiram ao avanço das tropas governamentais, os confrontos foram mais violentos e provocaram vários mortos. Os primeiros jornalistas que chegaram ao local tiveram ainda tempo para ver cadáveres estendidos nas ruas, com as mãos atrás das costas, aparentando terem sido executados sumariamente (Pereira, 2000).

¹⁵ Ver: Exército Zapatista de Libertação Nacional, “Quinto Aniversário do Levante Zapatista”, disponível em <http://www.ezln.org/documentos/1999/19990101.pt.htm>.

¹⁶ Boa parte dos EZLN é composta, em Chiapas, pelas quatro etnias que habitam a região do sudeste mexicano: *tzotziles* (85.553 índios), *tzetales* (95.953), *tojolabales* (12.660) e *choles* (47.529).

¹⁷ Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais. Ver www.clacso.org

Referências Bibliográficas

AA.VV. (1994), *Las palabras de los armados de verdad y fuego. Entrevistas, cartas y comunicados del EZLN*. México: Ed. Fuenteovejuna.

ABDEL-MONEIM, Sarah Grussing (2004), “O Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético”, Macalaster College, 2004 *Revista Estudos Feministas*, Campus Universitário - Trindade. Florianópolis SC.

Disponível na Internet:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

[026X2002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acedido em 24/05/2006.

APARICI, Roberto (1999), “Ensino, multimídia e globalização”, *Revista Comunicação e Educação*, 14 (Jan/Abr), São Paulo: Eca-USP/Moderna.

ARENDT, Hannah (1981), *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

CARVALHO, Magno de (2003), “O EZLN e a luta armada em Chiapas”.

Entrevista disponível na Internet <http://www.ufba.br/~revistao/03carval.html> > 2003. Acedido em 05/07/2006.

CASTELLS, Manuel (1996), “*Los medios, el espacio donde se decide el poder: Castells*”, *La Jornada*. México, 23 de Janeiro de 1996.

CASTELLS, Manuel (2002), *O Poder da Identidade*. Tradução: Klaus Brandini Gerhardt. 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra.

EZLN: documentos y comunicados. (1994). México, D.F: Ediciones Era, Tomo I - 1º de Enero 1994 / 8 de Agosto de 1994.

EZLN (1996), México, D.F: Ediciones Era, Tomo II - 15 de Agosto de 1994 / 29 de Septiembre de 1995.

FOUCAULT, Michel. (2001). *História da sexualidade*. I Tomo, Graal.

FUKUYAMA, Francis (1999), *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Rocco.

FURTADO, Celso (2000), *O Capitalismo Global*. Editora Paz e Terra.

GENARI, Emílio (2004), Disponível em

http://www.chiapas.hpg.ig.com.br/alternat00_1.html. Fevereiro de 2004

GOHN, Maria da Glória (1997), *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola.

KLEIN, Naomi (2003), *Cercas e janelas: na linha de frente do debate sobre globalização*. [Fences and windows] Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record.

KLEIN, Naomi (2003), “La Rebelión Zapatista, Origen del Movimiento Antiglobalización”. Foro Social Transatlântico. 18 de Maio de 2002.

Disponível na Internet: < <http://www.rebelion.org/sociales/klein180502.htm> >

Acesso em 27/05/2006.

LÖWY, Michel (1997), “Michel Löwy procura explicar o zapatismo”. Disponível em: <http://www.resenha.com.br/temas/resistencias/971016MichLowy.doc>. Acedido em 24/05/2006.

MACEDO, José Marcos (1997), *Inconformistas e rebeldes por todo o planeta*. Editora Mais! Edição: Nacional.

MARCOS (sub-comandante) (2001), “La Marcha del color de la tierra. Comunicados, cartas y mensajes del Ejército Zapatista de la Liberación Nacional del 2000 al 2 de Abril del 2001”. México: Rizoma.

MARCOS (sub-comandante), CCRI-CG do EZLN, “La larga travesía del dolor a la esperanza”, in A. León (org), *EZLN. Documentos y comunicados 2*.

MARCOS (sub-comandante) (1999), Quinto Aniversário do Levante Zapatista.

Disponível na Internet: < <http://www.ezln.org/documentos/1999/19990101.pt.htm> >

Acesso em 07/06/2006.

MARCOS (sub-comandante) (2003), “O mundo: sete pensamentos”, *Revista Rebeldia*.

Disponível na Internet:

<http://www.corevia.com/cosal/titulares/mexico/mexico39.htm> Acedido 10/07/2006

PETRICHE, Blanche (2003), *Habla Fernando Yáñez*. Edição eletrônica da revista *Rebeldia*, nº 4, Fevereiro.

PEREIRA (2000), “A Revolução zapatista seis anos depois”. Disponível em:

http://ultimahora.publico.pt/documentos/textos/mexico/rev_zapatista.html.

ROCHA, Everardo P. Guimarães (1999), *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense.

RUBIM, Antonio Albino Canelas (1996), “Neozapatismo: guerra de imágenes”, in *Etcétera*. México, (199):18-28, novembro.

RUBIM, Antonio Albino Canelas (2003), “Espectáculo, Política e Mídia”. Disponível na Internet: <http://bocc.ubi.pt/pag/rubim-antonio-espetaculo-politica.html>. Acedido em 24/05/2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa Santos (1998), *La globalización del derecho: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación*. Bogotá: ILSA, Universidad Nacional de Colombia.

TEJADA, Armando G. (2002), “La Rebelión Zapatista, origen del Movimiento Antiglobalización”. Naomi Klein en el Foro Social Transatlántico

Publicado no jornal mexicano La Jornada, 18/05/2002. Disponível na Internet <http://www.rebellion.org/sociales/klein180502.htm>

Acedido em 13/06/2006.